



Iara Iavelberg

BOCA

Número 09

18 de Maio de 2005

Instituto de Psicologia - USP

Contribuições para se pensar uma nova forma para o BOCA

Uma discussão acerca do BOCA não deveria ser feita sem estar contextualizada historicamente. Creio que a comissão que está resgatando a história do Movimento Estudantil no IP estará, em breve, com material suficiente para contribuir de maneira significativa a essa discussão. Também algumas iniciativas de colegas de CO já iam no sentido de resgatar essa história. Além de uma avaliação da situação atual, podemos pensar que o BOCA nem sempre foi o 'saco de gatos' que parece ser atualmente.

Sabemos, por tradição oral mesmo, que o BOCA nem sempre existiu. E que após a sua criação (de um boletim dos estudantes, com esse nome ou não), nem sempre teve a capacidade de se sustentar ao longo do tempo. Houve muitas interrupções em sua publicação, muitas delas por anos a fio. Quando entrei para a CO do BOCA no final de 2001, alguns estudantes tinham retomado as publicações semanais do BOCA. Essa retomada foi acompanhada de alguma dificuldade de manutenção de frequência de publicação, inúmeras queixas acerca da não participação de estudantes na sua produção e o conseqüente medo da morte do jornal, uma vez que seus organizadores estavam para se formar. Cabe lembrar que em 2001 foi organizada uma semana de psicologia cujo tema era "a expressão e o silenciamento da expressão", quando muito se falou sobre as formas implícitas de silenciamento no IP.

Pensar o BOCA implica em pensar ao menos três dimensões mutuamente complementares: o formato do jornal, dimensão que compreende as regras e sua lógica de organização; o grupo que produz o jornal, a dimensão dos valores e motivações da CO; e a dimensão individual, dos sujeitos da comunidade de IPUSP que publicam conteúdos no jornal.

Quando fizemos a primeira reunião do BOCA em 2002, discutimos um sistema de funcionamento que explicitasse à comunidade os limites e as possibilidades de interação com o boletim. As regras eram claras e à medida de que a comunidade tomou conhecimento delas, a participação dos estudantes no jornal

dobrou. Vamos aos números: de janeiro à dezembro de 2001 o e-grupo do BOCA recebeu 525 mensagens; de janeiro à dezembro de 2002 esse número passou para 929; e de janeiro à dezembro de 2004 a participação subiu para 1731 mensagens, apesar da greve! Houve portanto um aumento drástico na participação dos estudantes, a partir da consolidação dessa proposta, num momento histórico do Movimento Estudantil em que os CA's, de um modo geral, estão esvaziados (1).

A proposta que fundamenta o BOCA por esses anos está assentada em valores políticos sim. É uma proposta bem definida: ser um espaço de expressão (e não silenciadora dela) autêntica (pois demanda autoria) da Comunidade IPUSP. Exatamente, o BOCA se constitui num espaço público de ação comunicativa visando "a realização dos fins da comunidade"; sejam esses fins de orientação definidamente política, cultural, informativa; através de expressões lúdicas ou angustiantes do nosso cotidiano. A força política do BOCA, através dessa proposta, vem aumentando ao longo do tempo, ganhando adesão de um número cada vez maior de estudantes na CO. Atualmente são 9 integrantes, todos diferentes da configuração do final de 2001, que se dispõem a discutir semanalmente o jornal e trabalham voluntariamente na sua produção. O BOCA conseguiu reproduzir-se institucionalmente com sua proposta política.

A polêmica toda, no meu entender, gira em torno da dimensão individual uma vez que as publicações são realizadas pelos indivíduos da comunidade. Acho válida a campanha para uma maior responsabilização pelas opiniões publicadas e as implicações disso, ao menos porque a comunidade inteira sabe o que cada um de nós anda publicando por aqui. No último boletim, questionou-se a irrelevância, para não dizer inutilidade, de muito do conteúdo do BOCA, remetendo-se aos gastos que sua confecção implica ao IP. Concordo com a opinião de que o conteúdo do BOCA raramente está orientado por determinado modelo de responsabilidade social. Eu mesmo cheguei a passar muito tempo sem lê-

Daniilo (01)

*"A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta e o esfomeado
Estrçalhando uma sereia bonita
Despedaçando o sonho pra cada lado"*

Gilberto Gil

lo, mesmo participando da CO e ainda atualmente, seleciono os textos que leio. Questionou-se daí, o uso do dinheiro público para a produção do boletim tal como ele é, com suas frivolidades. Entretanto, podemos pensar que também o campo da arte é o campo do inútil, segundo palavras de um estudioso na área no IP (e talvez isso tenha alguma relação com a intolerância da instituição pública em financiar projetos nessa área). O inútil, contudo, é anterior a todo conhecimento e fundamenta toda utilidade, conforme propõe Chuang Tzu em sua Via:

Disse Hui Tzu a Chuang Tzu:

"Todo o seu ensinamento está baseado no que não tem utilidade".

Replicou-lhe Chuang:

"Se você não aprecia o que não tem utilidade, Não pode começar a falar sobre o que é útil.

Por exemplo, a terra é larga e vasta, Mas de toda a sua extensão, o homem utiliza Apenas poucas polegadas,

Sobre as quais se mantém de pé. Suponhamos, agora, que você tire Tudo que ele realmente não usa De modo que, ao redor de seus pés,

Um golfo se abra

E ele ficade pé no vazio,

Sem nada de sólido,

Com exceção do que se encontra bem debaixo de cada pé.

Por quanto tempo poderá utilizar o que está usando?"

Disse Hui Tzu: *"Cessaria de servir a qualquer finalidade".*

Concluiu Chuang-Tzu:

"Isto prova

A absoluta necessidade

Do que não tem utilidade".

Não quero dizer aqui, todavia, que as produções do BOCA se encaixem no campo da arte ou da filosofia. Nem que o BOCA seja inú-

(continuação)

til. Acredito que a utilidade do BOCA possa ser encontrada na medida em que ele nos dá sinais de qual é a cara do IP, sua personalidade, atravessada por muitas vozes, algumas delas em oposição radical a outras. O BOCA tem sido, ao longo desses anos, um grande espaço de troca estudantil. Em sua apresentação aos bixos desse ano, pudemos expor algumas capas de BOCA antigas, muitas delas trazendo questões interessantíssimas, polêmicas e que marcaram a trajetória de muitos de nós.

O BOCA, assim como ele vem sendo, é também um espaço de integração social potencializador de uma experiência de cidadania, dado que compreende em si as dimensões do direito, dever e reconhecimento. O BOCA contribui para a formação da identidade sócio-cultural dos integrantes da comunidade do IP, pois assegura o compartilhamento de compreensões da comunidade acerca de si-mesma, de seu contexto, interesses e investimentos. É um mediador entre os estudantes, o CA e outras estruturas político-administrativas do Instituto. É um integrador da diversidade política e

cultural em nossa comunidade sendo um veículo de comunicação que garante a igualdade de acesso aos integrantes da cena pública.

Construí-lo assim não foi e nem tem sido fácil, essa construção foi marcada por longos debates, divergências e rachas, além de muito esforço para a sua manutenção!

(1) Até o dia 12/05 de 2005 já eram 769 mensagens, o que culminará em um novo recorde de participação no BOCA, esse ano, mantidas as proporções mensais!

Lembranças da Mafalda

enviado por Bosco(05)



Enviado por Profª Maria Julia



LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE A MORTE
convida para o **DEBATE** com

PROF. DR. REYNALDO AYER DE OLIVEIRA

(Professor Doutor da Faculdade de Medicina da USP e Presidente da Câmara
de Bioética do CRM)

EUTANÁSIA/DISTANÁSIA/SUICÍDIO

ASSISTIDO: Morte digna é digna para quem?

LOCAL: Av. Mello Moraes, 1721 - Bloco A, Sala 20 -
Cidade Universitária

Data: 18 de maio de 2005

Horário: 19,30 às 22:00hs

**Preparem -se o
BOCA ESPECIAL
BIXOS SERÁ NA
PRÓXIMA
SEMANA.**

CO do BOCA

A novela **BIG
PSICO BRASIL** está
suspensa por incapacida-
de das personagens se
posicionarem frente aos
dilemas na casa.

Jonas Boni (02)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA

Bruno Aquino (05), Dailza Pineda (04), Guilherme Valente (04), Janaina Klinko (05), João Bosco (05), Jonas Boni (02), Karina Schmidt (04), Leandro Salebian (05) e Patrícia Ferreira Rabaça (03).

Diagramação: Jonas Boni (02)

Reprografia: José Carlos de Carvalho e Maria Betânia da C. Grangeiro.

O BOCA publica textos com autoria identificada, recebidos no boca@yahoo.com.br até às 12h do domingo, como anexo da mensagem do seu encaminhamento e no formato MS-Word.doc, observando-se a ordem do recebimento e o limite máximo de 5000 caracteres (inclusive espaços) por texto, quando o número de páginas previsto para a edição impuser a necessidade desse limite. Há mais normas operacionais, tanto para o recebimento de colaboração, quanto para a sua edição, que serão informadas sempre que haja solicitação específica. A responsabilidade pelas opiniões e informações publicadas é inteiramente dos respectivos autores.

A C. O. do BOCA reúne-se toda terça-feira às **12h00min.** à sombra do Ipê em frente da Biblioteca do IP. **PARTICIPE!!!**

A LINHA EDITORIAL DO BOCA – Parte I

(RESPOSTA A ALGUMAS CRÍTICAS: Bom senso. Senso Comum. Erotismo)

Ricardo Silva (Pós-PST)

Antes de tudo gostaria de ressaltar três textos publicados no último número do BOCA (No. 8). O texto intitulado *“Promoção especial grátis”*, do funcionário do bloco D, Paulo César de Paiva, pela clareza e objetividade, sempre presente nos textos dos funcionários, mas eternamente ausente nos textos dos alunos. O texto da aluna Flávia (03), intitulado *“O BOCA e os Recursos Públicos: Como Fica a Nossa Responsabilidade Social?”*, também muito bem escrito e que levantou a importante questão da Responsabilidade Social (que de certa forma eu também abordei em meu texto do mesmo número do BOCA). E, finalmente, o texto *“Sobre o bom-senso”* de Virgílio T. Neto, única crítica que eu pude considerar seriamente. Este texto é uma resposta às suas críticas.

Quando falo em BOM SENSO, estou me referindo à faculdade de **julgar bem**, isto é, de **emitir juízos fundados na experiência e (sobretudo) na razão**, sendo assim, o bom senso seria a **capacidade de distinguir o verdadeiro do falso em questões corriqueiras** (como não colocar animais para secar no forno de microondas ou não estampar em nosso jornal a gravura explícita de uma felação), questões estas que **não exigiriam soluções técnico-científicas ou um raciocínio muito elaborado**. É também nesse sentido que Gramsci fala de bom senso, definindo-o como o “senso crítico e autocrítico” capaz de superar os limites do senso comum. Também em Descartes, em seu “Discurso sobre o método”, este define o bom senso como a capacidade de distinguir o verdadeiro do falso.

Mas o que se passa é que, em todas as vezes que escrevi a palavra bom senso, meu interlocutor, descuidadamente, entendeu SENSO COMUM. Muito diferente de bom-senso, entende-se por SENSO COMUM (*dóxa* ou opinião) o **conjunto de opiniões que prevalecendo em determinado contexto histórico-social são naturalizados e convertidos em verdades necessárias, sem reflexão e questionamento**. Creio que era a isso que Virgílio se referia, ao falar dos Estados totalitários (onde o que havia era SENSO COMUM utilizado como ideologia, e não “bom senso”), mas vale ressaltar que essa palavra não saiu da minha pena. **Uma lástima que o caro colega não consiga distinguir uma coisa da outra, já que, confundindo tais conceitos, ele mesmo faz ruir boa parte de sua argumentação.**

A mesma confusão verificamos no texto do meu camarada Zílio (dinossauro),

intitulado *“OBom senso”*. Nele o autor afirma, porém sem muita convicção, que: “Kant, em uma de suas críticas à Razão Pura ou Dialética separara o conhecimento do senso-comum, Conhecimento Religioso, Filosófico e científico, ficando o tal do bom senso na esfera do senso comum”. Aqui, mais equívocos na tentativa de criticar meu texto anterior. Quem teceu tais distinções fora Auguste Comte (1798-1857) e não Kant, na sua lei dos três estados do conhecimento humano: teológico, metafísico e positivo. **E até onde sei, Kant não coloca o bom senso na esfera do senso comum.**

Em seguida meu interlocutor faz uma apologia da importância do **erotismo** na vida humana (importância política), aconselhando-me a ler Marcuse, Freud e Weber dentre outros. Aqui, infelizmente, a coisa toda se complica e eu tive que supor que se ele efetivamente leu Marcuse e Freud, certamente **não os entendeu adequadamente**, sobretudo o EROS E CIVILIZAÇÃO do primeiro. Digo isso porque os **equivocos** do camarada Virgílio são, para dizer o mínimo, **primários**. O que ele faz é vender Freud como fizeram seus detratores: como um **apologista da liberação sexual**, do erotismo livre, por isso ele me manda lê-lo quando identifica em mim um certo tipo de “puritanismo” ascético, avesso ao erotismo. Meu interlocutor se esquece que Freud, de fato, foi um defensor da “sublimação”, apontando exatamente aí o surgimento da cultura (apesar de seu mal-estar). O mesmo erro ele comete com Marcuse. Este, bem como Freud, reconhece a necessidade da **sublimação**, mas critica naquele não ter percebido que a cultura exige uma quantidade ainda maior de repressão além daquela necessária para manter-se, ou seja, uma **mais-repressão**.

Marcuse também reconhece a **maior liberdade sexual** destes tempos e ainda a critica: **trata-se de uma falsa liberdade, porque tais liberdades e gratificações estariam já vinculadas aos requisitos da dominação**. Sim, Eros liberado poderia destruir a cultura da dominação, daí o medo desta. Mas reside aí também o **equivoco** de nosso interlocutor, leitor **apressado** de Teoria Crítica: **a liberdade sexual, nesta cultura, harmonizou-se com o conformismo lucrativo**. T. W. Adorno também discute a questão ao tratar da indústria cultural, afirmando que **essa aparência inflada do prazer não torna a vida mais humana**. A promissória sobre o prazer não cessa de lograr seus consu-

midores porque ao ser emitida pela encenação ela prorroga indefinidamente o prazer, fazendo com que o consumidor se satisfaça apenas com a leitura do cardápio.

Mas é bem verdade que a **literatura erótica/pornográfica** um dia já foi (ou seja, não é mais) **revolucionária**. Um tempo em que, como bem notou o filósofo Sérgio Paulo Rouanet, os filósofos se encarregavam de minar os alicerces políticos do *ancient régime* e os libertinos seus alicerces morais, enquanto, em seus romances, divulgavam os ideais iluministas dos filósofos. **Mas isso foi no século XVIII**. Aliás, ainda teríamos que, em parte, desconsiderar o Marquês de Sade, que loucamente converte a liberdade (um “bem” para os iluministas) em liberdade para oprimir, muito de acordo com a lógica da racionalidade instrumental como aponta Adorno sobre o Marquês.

Porém, o que essa **nova literatura erótica/pornográfica** faz (e que o meu interlocutor crê ser a **salvação para o mundo alienado**, em sua TOSCA leitura de Marcuse) é servir como antepasto de um prato principal que não chegará nunca. **Porque aquilo que essa literatura faz – como bem sublinha Adorno – é lograr insistentemente seus consumidores excitando o prazer não sublimado** “que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo”. **Tal “erotismo” só favorece a resignação, porque ele vende prazer mas não entrega**. Max Weber, que meu interlocutor me aconselhou a ler, ao falar da **esfera erótica** em seus Ensaios de Sociologia, deixa de notar esses problemas, talvez porque em seu tempo indivíduos ainda existissem de fato.

Como fiz questão de notar, meu interlocutor me acusa de autoritário, em parte, porque ele não entende o que lê, por mais que faça desfilar diante de nossos olhos um batalhão de autores (e depois eu é que sofro de “pedantismo típico da falsa cultura em voga”...). O cerne dessa questão que envolve a decisão a respeito da linha editorial do jornal (e que ele deixa de notar) está na **impossibilidade de “cientificamente” tomarmos decisões acerca de questões de valores** como aponta Weber (outro autor que ele parece ter – supostamente – lido mas não compreendido). O que nos conduz à necessidade de uma tomada de decisão não por SENSO COMUM, mas por CONSENSO (coisa muito problemática) fundado (espera-se) na razão. Problema esse que discutiremos em um próximo texto (onde responderei às demais críticas), acerca do **consenso**, da **pluralidade dos valores**, da **falácia naturalista** de Hume e da **razão objetiva**.

Sobre a problemática dos direitos autorais e cópias em bibliotecas.

Enviado por Célia Regina de O. Rosa - Serviço de Biblioteca e Documentação

COMISSÃO MEDIA DEBATE SOBRE CÓPIA DE LIVROS Fonte: Assessoria de Imprensa - OAB/SP 20/04/2005

O debate sobre "Pirataria e Acesso ao Conhecimento: a Questão das Cópias de Obras Destinadas ao Ensino", promovido pela Comissão de Propriedade Imaterial da OAB SP, hoje (20/04), colocou frente a frente professores, bibliotecários, donos de copiadoras, governo, representantes das editoras, estudantes e advogados e resultou em um acordo para que sejam realizadas reuniões entre as partes envolvidas com o objetivo de encontrar uma solução para a questão dos direitos autorais e a prática do uso de cópias de livros nas escolas do país.

O artigo 46, inciso 2, da Lei 9.610/98, permite "a reprodução, em um só exemplar de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este, sem intuito de lucro" e veda a reprodução integral da obra. Apesar de a lei permitir a cópia de pequenos trechos, a Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR), entidade que representa as editoras, vem notificando instituições de ensino para que a reprodução seja proibida. Muitas faculdades e universidades acataram a ordem, mas o assunto tomou proporções imensas, resultando no embate entre aqueles que apoiam a decisão e os que vêm na proibição uma forma de restringir o acesso à informação e à educação, direitos garantidos na Constituição Federal.

Eliane Yachouh Abrão, presidente da Comissão de Propriedade Imaterial da OAB SP, abriu o evento. Participaram dos debates Sonia Maria D'Elboux, coordenadora de eventos e membro da Comissão de Propriedade Imaterial da OAB SP; Márcio Costa Menezes e Gonçalves, secretário-executivo do Conselho Nacional de Combate à Pirataria e Delitos contra a Propriedade Intelectual; Dalton Spencer Morato Filho, consultor jurídico da ABDR; Mariza Leal Meirelles do Couto, bibliotecária do Departamento Técnico de Sistemas Integrados de Bibliotecas da USP; Ricardo Rodrigues, gerente do Programa Comutação Bibliográfica (Comut); e José Carlos Tiagor, representante da Associação Brasileira dos Representantes de Empresas Reprográficas (Abrarepro).

Sonia D'Elboux iniciou o debate falando que a utilização da obra depende da autorização do autor para ser traduzida, encenada, reproduzida, editada ou adaptada. Depois de 70 anos, contando da data do morte do autor, a obra será de domínio público, desde que não ganhe nova edição. "As instituições de ensino proibiram as cópias de

pois das notificações da ABDR. Impedir a reprodução de trechos é abuso de direito, priva os alunos, dificulta o acesso ao aprendizado, à informação e à educação. Precisamos de liberdade para pesquisar e acreditar que a lei deveria permitir a cópia integral de obras raras e esgotadas", afirmou D'Elboux.

O secretário executivo do Conselho Nacional de Combate à Pirataria, Márcio Costa, especificou o trabalho do conselho, que é formado por representantes do governo e de entidades privadas. "Não queremos apenas reprimir, temos também que tomar medidas educativas. Por isso, estamos propondo a criação de varas especializadas em propriedade intelectual, a realização de seminários sobre o assunto, a inclusão de matéria sobre propriedade intelectual nos cursos de Direito, queremos promover campanhas de esclarecimentos e aprimorar a legislação sobre propriedade intelectual", explicou.

José Carlos Tiagor, representante das empresas copiadoras, criticou as notificações enviadas pela ABDR a universidades e as vistorias feitas nas empresas reprográficas sem autorização da Justiça. "O governo reduziu a tributação das editoras, mas não tivemos redução nos preços dos livros".

Dalton Morato Filho, consultor jurídico da ABDR, rebateu às críticas de Tiagor, dizendo que os direitos autorais, que constam do artigo 5 da Constituição Federal, sempre foram negados, portanto "não precisamos de autorização da Justiça porque as copiadoras estão em constante flagrante delito. Temos mais de cem inquéritos contra eles e em nenhum deles foi pedido arquivamento por falta de ordem judicial. O problema é que as bibliotecas são mal aparelhadas e temos a cultura da cópia. Fizemos duas propostas para a venda de livros às instituições de ensino, uma com preço de custo e outra com livros editados de acordo com a necessidade específica do curso. Nenhuma delas foi aceita", disse ele.

Mariza Couto, da USP, explicou o funcionamento, os investimentos, a ampliação do acervo e o objetivo das bibliotecas, que é garantir o acesso à informação dentro de uma política de racionalização de material e de recursos humanos. O representante do Comut, Ricardo Rodrigues, argumentou que a colocação do representante da ABDR era simplista. "Biblioteca não é só depósito de livros. É ensino, é pesquisa.

Precisamos saber o que representa o direito à informação dentro do contexto de uma nação". O Comut é um órgão do governo federal, ligado ao Ministério da Cultura, da Ciência e Tecnologia, que faz parceria entre as bibliotecas para o uso compartilhado das obras.

"Proibimos terminantemente que reproduzam integralmente uma obra, mas não podemos permitir interferência no trabalho das bibliotecas. A ABDR não nos contactou antes das fiscalizações. Sugeriria que a ABDR, durante as fiscalizações, prove que o livro que está sendo copiado foi editado por um dos associados da entidade", concluiu Ricardo Rodrigues, remetendo às fiscalizações feitas pela ABDR nas bibliotecas, quando bibliotecários foram levados às delegacias para prestar depoimento sobre as cópias.

Público debate tema

Após as exposições iniciais, o público pode participar do debate. A bibliotecária Bárbara Júlia Leitão, da biblioteca da ECA-USP foi contundente: "Biblioteca não é depósito de livros. É um espaço livre de disseminação de informação. Fazemos um trabalho sério e agora querem nos culpar pela não venda de livros. Isso é um absurdo".

Francisco Kledeglau, proprietário de uma copiadora contou que pagou direitos autorais de pequenos trechos de obras copiadas entre 1998 e 2004. "Agora sei que a lei diz que poderia ter feito as cópias e nada pagar. Para onde foi esse dinheiro?", questionou. O presidente da ABDR, Enoch Bruder, respondeu que a entidade fez uma tentativa de resolver o problema do direito autoral "mas não deu certo".

Maria Carlotto, estudante de Ciências Sociais na USP, contou sua tentativa de copiar trechos de um livro de Platão. "O copista se negou dizendo que Platão, morto há bem mais de 70 anos, tinha vendido os direitos autorais e, portanto, seus livros estavam proibidos de serem copiados".

Como não houve consenso sobre o uso de cópias de obras, a cobrança de direitos autorais e até onde vai o poder de fiscalização da ABDR, os participantes aceitaram sugestão de Eliane Abrão propondo uma nova reunião, ainda sem data marcada, para buscar soluções para o conflito de interesses.

A função do BOCA e a Psicologia da “Camuflagem”

Camuflagem: “Ato ou efeito de camuflar” (Michaelis – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa).

Jonas Boni (02)

Estes últimos três boletins têm um efeito histórico na Psicologia da USP, e digo isto não pelo que acontece nos tempos de hoje, mas pelo que refletirá amanhã. Após anos de trabalho de Comissões Organizadoras, é a primeira vez que se tem pensado o ‘papel’ (em duplo sentido) ou a função do BOCA dentro da própria comunidade do IP.

A discussão sobre este Boletim não é da ordem da frivolidade, e sim da qualidade de nossa formação profissional e *postura no mundo*. O grande embate gira em torno do caráter editorial ou apenas organizacional da Comissão ao tornar viável a publicação de textos. Em outras palavras: a Comissão, responsável em tornar possível a publicação de textos neste boletim exerceria uma função editorial, a qual seria baseada em certas regras e pré-condições para que determinados textos pudessem ser lidos (lê-se publicados), ou então, tal Comissão como organizacional, no sentido de apenas organizar todos e quaisquer textos enviados por *alunos, professores e funcionários*.

Como membro da Comissão Organizadora vigente tenho pensado na questão sob tal função e também como aluno de graduação de Psicologia da Universidade de São Paulo, instituição mais conhecida como IPUSP; e não consigo chegar a outra conclusão que este Instituto e Curso são um dos mais hipócritas e conservadores, se não o mais. E aos que se identificaram projetivamente e já começam a sentir o sangue gelado e venenoso da persecutoriedade, peço-lhes calma, vou me explicar.

A existência de um Boletim, oficialmente ligado ao Centro Acadêmico ou não, é um privilégio de todos os incluídos na comunidade do IP, pois é através deste veículo, e apenas dele, que se pode publicar pensamentos, idéias, teorias, críticas, crenças, preferências e até receitas de bolos sem passar pelas eternas, enfadonhas e excludentes burocracias acadêmicas que envolvem nosso sistema de pesquisa no país. Pensando em aspecto menos acadêmico, nós não temos a possibilidade de voz em meios de comunicação de qualquer ordem a não ser que seamos jornalistas ou profissionais da área (e o povo em geral?).

Mas não seria um absurdo pen-

sar na possibilidade deste boletim, então, publicar todo e qualquer texto, já que tal abertura é dada aos leitores, e escritores em potencial, escrever sem qualquer parâmetro de regras com relação ao conteúdo dos textos? Não, definitivamente não. Uma linha apenas organizacional seria a possibilidade e garantia de expressão de qualquer conteúdo nos textos neste jornal, por parte dos integrantes da Comunidade do IPUSP, assim, revelando o pensamento que permeia as paredes vivas desta instituição.

A crítica a essa posição é dada em dois argumentos principais. Primeiro, o estudante na possibilidade de publicar qualquer texto, independente do conteúdo, escreveria qualquer “merda”, e, assim o dinheiro público utilizado na publicação deste jornal estaria sendo jogado fora – em resumo, responsabilidade social zero. Segundo, a publicação de texto sem restrição ao conteúdo poderia, de alguma forma, ofender algumas pessoas que não se sintam à vontade com o que está escrito – em resumo, antipatia às idéias e valores morais do próximo.

O termo responsabilidade social está em *moda* e preenche os mais diferentes argumentos, do jogador de futebol que faz leilão de sua cueca aos neos-marxistas. E exatamente por ser um forte argumento, eu o devolvo da seguinte maneira: qual é a nossa responsabilidade social como futuros psicólogos para com uma população que poderá usufruir nossos serviços, se já nos julgamos incapazes de pensar e refletir, dado que a expressão de nossos pensamentos já é da ordem da “merda” e do inútil? Caso seja assim, devemos parar por aqui, pois não é só o BOCA que se torna possível através de impostos, mas também nossa permanência por cinco anos no IPUSP.

Se não temos condições de ler um texto, refletir sobre o conteúdo dele e nos colocarmos em movimento a uma crítica; como podemos apenas pensar na possibilidade de critério editorial no jornal? Como podemos pensar na possibilidade de exercer nossa profissão? Ainda mais, caso o jornal se concretize apenas com frivolidades e reflexões dispensáveis, no que isto refletiria senão uma formação acadêmica péssima, ou numa educação nacional incompetente, ou mesmo em políticas públi-

cas da ordem do indescritível? Ter um caráter editorial resolveria o problema de escrevermos merda, ou apenas camuflaria mais uma das inúmeras questões camufladas no país?

Com relação ao segundo argumento, eu apenas pontuo que o não publicar funciona da mesma maneira que o publicar, só que se direciona para os grupos opostos com relação à não respeitar o limite do outro. Quando publica ofende-se quem lê, quando não publica ofende-se a quem não foi atendido o desejo de publicação. Esta questão invade questões morais e valores rígidos cristalizados que propriamente a ausência de empatia ao próximo. A expressão que mais ouço com relação a este tópico é: “o que faria um professor se visse uma imagem ou texto de sexo explícito?”, o que se poderia ler também: “o que faria um homossexual se visse um beijo gay?”. Assim, não devemos discutir sobre o não discutido?

Em conclusão, caso tenha uma resolução, desta questão, para uma linha editorial no BOCA, penso que preferimos ocultar um fato a vê-lo emergir, ou seja, *camuflamos*. Não publicamos a “merda” escrita pelos alunos, porque temos que publicar coisas capazes de serem publicadas. Então pergunto: qual seria o referencial ou regra ou pré-condição - para não dizer pré-conceito – a ser seguida na linha editorial? Não importa qual, o importante é não tornar visível o fato de que nossa formação é aquém e muito aquém do que pensávamos (será que pensamos?). Aí digo-lhes: O fato de não publicar não significa não existir. Continuaremos na *bolha* fantástica de que a linha editorial exterminaria o não pensamento do estudante de Psicologia da USP?

Desta maneira termino que a grande questão não é a FUNÇÃO do BOCA, mas a função que exercemos como alunos de psicologia da USP e a nossa futura prática profissional frente ao mundo.

Transformaremos? Aceitaremos? Esconderemos? Toleraremos? Discutiremos? Imporemos? Existiremos? **Existimos? Permitimos-nos EXISTIR?** Permitimos-nos à transformação e tolerância?

O que você quer? O que você procura no IP??

Diego Caleiro(05)

Na reunião sobre interesses dos alunos do IP USP chegamos a conclusão de que é importante saber o que os alunos querem, e depois descobrir se essas coisas já existem, e se podem ser criadas. Não é bom arremessar uma dose cavalariça de projetos que deixam as pessoas mais confusas do que interessadas.

Num BOCA recente, a Cris (2005) propôs para quem quisesse a criação de um grupo de música, a formação de uma banda. Essa é uma atitude muito importante, e que não acontece em todos os domínios do IP.

Uma coisa que ocorre é a divulgação de muitos e muitos grupos de diversos assuntos, ou seja, ocorre a suposição que um aluno vai saber o que lhe interessa e correr para participar do grupo que faz isso. Mas esse não é o caso, o excesso de informação não bem explicada leva a maioria das pessoas a acabar não participando de nada.

É bem mais inteligente perguntar aos alunos os assuntos pelos quais eles se interessam, e trazer os grupos que já existem sobre esses temas, ou a eventual possibilidade de criação de outros.

Iniciamos então um projeto que tem por objetivo conhecer o interesse do aluno do IP e apresentar para ele o que há de existente no tema, ou propor a criação de um grupo para fazê-lo.

Por exemplo, existem pessoas que tem interesse por criar um grupo de teatro no IP, mas será que todas sabem que as outras existem? É possível que tenha um monte de gente que quer mas não sabe que existem outros interessados, ou é até possível que já existe um grupo de teatro no IP.

Você pode afirmar com certeza se exis-

te ou não um grupo de discussão da influência da filosofia na psicologia? Provavelmente você não tem informação. E é justamente para unir interesses e disponibilizar informação individual que servirá esse grupo.

Você sabe o que é NAC ou o VER-SUS? Tem gente que está morrendo de vontade de te contar, porém nem você sabe deles, nem eles de você.

Pedimos então a este BOCA que o Boquete seja um pedido para que os alunos ponham quais são as coisas que lhes interessam, de preferência em forma de tópico, e com o nome (de forma livre, e sem limite de interesses por pessoa). Para que o nosso grupo possa então interagir-se com os interesses dos alunos e ver o que pode ser feito para satisfazê-los.

Eu gostaria de saber se existe alguém interessado em fazer um grupo de discussão sobre inteligência artificial, psicologia evolucionária e o futuro da computação.

Então aqui está o início do projeto:

Diego (05) – Inteligência artificial, futuro da computação.

Fabi(04), Emília(00), Anna(04), Rubens(01) Diego (05) – Grupo de teatro (e vivências)

Anna e Fabi(04) – Grupo de dança (diversos)

Diego (05) – Memética e suas consequências para a psicologia.

Mas nem todo mundo é cara de pau como eu e a Cris para mandar para o boca suas vontades pessoais. Espero que alguns sejam caras de pau o suficiente ao menos para falar

do que gostam numa enquete, para que nós possamos tentar ver com essas pessoas e organizar grupos.

Se você quiser ser RD, ou quiser saber o que é ser RD, alguém do grupo poderá (ou tentará) te responder, se você quiser fazer um grupo para brincar de lego toda terça-feira, escreva isso, faça com que as pessoas saibam, quem sabe se metade da sua classe não quer a mesmíssima coisa, e nunca teve coragem de dizer. Quer saber o que tem acontecido com a saúde pública? Existe atualmente um grupo que discute isso toda semana rolando, Pergunte aos Balcãs.

Por enquanto é isso, o Grupo, apelidado (por mim, arbitrariamente, sujeito a modificações) “Balcãs de Informações” está sendo composto por Diego(05) Anna(04) Fabizinha(04) Emília (00)Guarujá(01). Se você tiver qualquer dúvida, sobre qualquer coisa no IP, principalmente sobre os grupos que rolam e tal, venha nos perguntar, se quiser criar um grupo, responda a enquete do BOCA. Não garantimos que sabemos de nada, por enquanto, mas estamos aqui justamente com um projeto de concatenar informações e unificar interesses.

E se quiser participar dos balcãs, será muito bem vindo, faremos uma reunião assim que sair o resultado do Boquete para podermos ver como serão feitas nossas ações, então, atenção Mario, Renata e Rachel e demais pessoas que queriam participar das discussões sobre interesses, assim que sair o Boquete, falem conosco para saber o dia da reunião dos Balcãs.

COMUNICADO DA DIRETORIA

Professora Maria Helena – Enviado por José Israel (01)

Durante o ano de 2004, houve repetidas solicitações de alunos da graduação à Diretoria para que se criasse um período livre no IP para reuniões institucionais em que se debatessem temas de interesse coletivo.

A Diretoria trabalhou para definir e garantir este espaço, tendo liberado as tardes das terceiras segundas-feiras do mês para este fim. Além disso, organizou a primeira reunião sobre tema urgente e fundamental: a reforma universitária em curso. Para isto, disponibilizou material de leitura (em papel e pela internet) e afixou cartazes informativos em todos os espaços do IP, com a necessária antecedência.

No dia marcado – 18 de abril p.p. – compareceram cerca de dez alunos, seis docentes e doze funcionários. Ninguém

havia lido o material, o que impediu a discussão do texto do projeto de lei.

Mesmo assim, elaborei uma minuta de comentário ao ante-projeto do governo federal, que foi submetida a um aluno (Felipe Scatambulo, RD na Congregação) e uma professora (Maria Inês A. Fernandes), os únicos que se dispuseram a uma reunião na quarta-feira, véspera do feriado de 21 de abril, tendo em vista dar notícia, na reunião do Conselho Universitário de 25 de abril, do que vem sendo pensado no IP a respeito da reforma universitária.

Diante destes fatos, a Diretoria comunica que o espaço solicitado foi criado, está à disposição de quem queira ocupá-lo e que a administração central do IP dará apoio, mas não mais tomará a iniciativa de preenchê-lo.

Daniel Avila (04)

BOM SENSO DE CÚ É ROLA

OS GASTOS PÚBLICOS REAIS DO BOCA

José Israel (01)

Diversos textos nas últimas edições do BOCA fizeram referência, com bastante imprecisão, aos gastos públicos para a sua manutenção.

Valendo-me do conhecimento adquirido na edição do boletim, enquanto estive bocudo, redigi as seguintes observações e uma tabela com o discriminativo dos componentes desses gastos, unitários, e totais por mês. Além desses gastos menciono, apenas aqui, que há também gastos privados, nunca considerados, cujo custeio o (a) bocudo(a) mais entusiasmado assume espontaneamente em seus equipamentos particulares (alguém já percebeu que a qualidade de cópia xerox do exemplar do BOCA depende diretamente da qualidade de impressão dos seus originais e que esta não é exatamente a que se obtém nos equipamentos da Pró-Aluno?).

Os gastos públicos com a edição do BOCA são decorrentes de cópias xerox e da compra de papel.

O IPUSP disponibiliza um limite de 36.000 cópias xerox por semestre para o CAII, que repassa cerca de 90% delas para a Comissão Organizadora do BOCA. O preço de cada cópia é de R\$0,10. Eventual tiragem excedente de cópias deverá ser paga pelo CAII. O papel do tipo A3 ("duplo A4", a folha normal) não está incluído no preço da

cópia desse tipo de folha no Serviço de Cópias do IPUSP ("Betânia/José Carlos"). Esse papel deve ser fornecido pelo CAII. Em "compensação", o preço da cópia da folha A3, com quatro páginas, está reduzido para R\$ 0,20. Cada folha desse papel custa cerca de R\$ 0,04. Esses gastos (o do excedente de cópias e do papel A3) são assumidos diretamente pelo CAII, que, geralmente, utiliza-se para isso dos recursos financeiros provenientes da "subalocação" de áreas internas do IPUSP.

Não estão computados os gastos públicos com a utilização de equipamentos da Pró-Aluno, quando isso não está impedido pelo excesso de alunos com igual demanda ou quando as impressões estão aceitáveis.

Observações específicas do boletim:

1. O boletim deve ter sempre um número par de páginas com matéria publicada, para evitar o desperdício da página em branco.
2. A edição mais freqüente tem oito páginas (embora as últimas tenham variado de dez a catorze);
3. O número de exemplares por edição semanal oscila entre 300 e 400 (adotei abaixo a média de 350)
4. O número de edições por mês oscila entre quatro e cinco (adotei abaixo quatro edições).

COMPONENTES DOS GASTOS PÚBLICOS DE EDIÇÃO DO BOCA

N. de p.	N. de f. A3	N. de f. A4	Custo f. A3	C. xerox por exemplar	Custo do exemplar	Custo edição semanal	C. edição mensal
2	0	1		R\$0,20	R\$0,20	R\$70,00	R\$280
4	1	0	R\$0,04	R\$0,20	R\$0,24	R\$84,00	R\$336
6	1	1	R\$0,04	R\$0,40	R\$0,44	R\$154,00	R\$616
8	2	0	R\$0,08	R\$0,40	R\$0,48	R\$168,00	R\$672
10	2	1	R\$0,08	R\$0,60	R\$0,68	R\$238,00	R\$952
12	3	0	R\$0,12	R\$0,60	R\$0,72	R\$252,00	R\$1.008
14	3	1	R\$0,12	R\$0,80	R\$0,92	R\$322,00	R\$1.288
16	4	0	R\$0,16	R\$0,80	R\$0,96	R\$336,00	R\$1.344

Da Responsabilidade Social

Patrícia Rabaça (03)

Considero que estamos confundindo as coisas: **O que é responsabilidade social ?**

Pois bem, antes de tudo quero esclarecer que discuto aqui com idéias e não com pessoas, pois considero pessoas para além de suas idéias.

Sendo assim, se o problema da censura tem mesmo a ver com responsabilidade social eu proponho que ao invés de oferecermos mais bolsas ao cursinho, ao invés de discutirmos se vale a pena uma comissão editorial no lugar de uma comissão organizadora no BOCA, esse dinheiro fosse encaminhado para as milhares de pessoas famintas, sem saúde e sem moradia por aí.

Aliás não só esse dinheiro, mas

acho que todos nós deveríamos sair da universidade e que o dinheiro gasto para que nos tornemos psicólogos fosse encaminhado para coisas mais urgentes que o diploma, coisas como saúde e educação primária. COMO nós estamos aqui utilizando de dinheiro público enquanto milhares de pessoas estão nas ruas e com fome ? Isso sim eu consideraria responsabilidade social.

Quem paga para que eles passem fome ? Somos nós ? Resumindo: **No que irá melhorar selecionarmos o que sai e o que não sai no BOCA ?** Ao meu ver melhorará apenas a forma de controle de quem quer exercer o poder. Existem diversos movimentos e causas legítimas precisando de ajuda, será que nos omitiremos/

aliviaremos jogando a culpa no BOCA ? Será que isso te faz sentir menos culpado@ ?

Esse dinheiro está aqui destinado para uso dos alunos em sua formação para um posterior exercício de uma profissão ou está destinado para os diversos necessitados ? Então, pergunto outra coisa: Qual a função social do dinheiro público ?

Se houver censura no BOCA baseada nesses motivos eu não vou me sentir uma responsável social, eu vou me sentir uma hipócrita !

Divulgando idéias fora do lugar

Este texto tem como objetivo deixar todos a par das discussões que estão sendo realizadas no NAC, que atualmente debruça-se sobre autores nacionais que pensam as questões referentes ao Brasil e a brasilidade.

Neste sentido, iniciamos nossos estudos com a leitura do texto "As idéias fora do lugar", de Roberto Schwarz. Nosso intuito é apresentarmos sucintamente as reflexões propostas pelo autor, para que aqueles que se interessarem possam participar de nossas reuniões (lembrando que elas ocorrem quinzenalmente, todas as quartas-feiras, ao meio-dia).

A principal tese que percorre o texto é a de que a sociedade brasileira do século XIX, escravista portanto, refletia uma disparidade com o ideal do liberalismo europeu. O que se quer ressaltar é que a "comédia ideológica" que se montou era diferente da européia, ou seja, o modo como o Brasil incorporou as transformações do modelo capitalista de produção tem semelhanças e divergências em relação ao que ocorreu na Europa, justamente por causa do colonialismo no qual estávamos imersos. E são justamente essas particularidades da constituição do capital em terras nacionais que interessa conhecer.

O autor vai exemplificar essas continuidades e descontinuidades que caracterizaram o Brasil falando que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e os universalismos de modo geral eram ideologia tanto aqui quanto na Europa. Entretanto, no velho continente, essas idéias correspondiam às aparências, encobrendo o essencial, ou seja, a exploração do trabalho. Já no Brasil, essas idéias eram falsas em sentido diverso, pois basta pensarmos na simples existência de escravos para que essas concepções não correspondam sequer às aparências. O que fazia do Brasil, em certo sentido, um local privilegiado para a crítica do progressismo e individualismo burguês, que se espalhavam pelo mundo. Como dirá Schwarz, "Machado de Assis será mestre nestes meandros".

Para complicar ainda mais esse quadro, o autor nos lembra que o latifúndio escravista havia sido um empreendimento do capital comercial, ou seja, tanto

Mathias (02) (NAC)

essas formas baseadas na autoridade, quando as chamadas modernas, que voltavam sua atenção para a eficácia, tinham no lucro o seu pivô. É interessante percebermos a tensão de forças entre esses modos de produção, mesmo ambos sendo de caráter explicitamente capitalista. Até mesmo no sentido de que muito do desenvolvimento econômico em moldes liberais, só encontrou condições de efetivação na exploração intensiva das colônias.

Outro ponto crucial levantado pelo autor, na busca da especificidade brasileira, vai gravitar em torno da idéia de favor. O monopólio da terra gerou três grandes classes de população: o latifundiário, o escravo e "homem livre". Entre os dois primeiros a relação é clara. Interessa perceber que a relação entre os proprietários e aqueles que não eram nem donos de terras nem escravos girava em torno do favor. Esse era o único modo de acesso à vida social e intelectual, verdadeiro reproduzidor de uma das grandes classes da sociedade.

Contudo o favor, ou seja, a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais, contrariava tudo aquilo que a civilização burguesa apregoava: a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva e a ética no trabalho. É desse conflito, típico do Brasil, que vai decorrer a novidade que Schwarz aponta: "adotadas as razões e idéias européias, elas podiam servir e muitas vezes serviram de justificção, nominalmente 'objetiva', para o momento de arbítrio que é da natureza do favor".

Foram estas as principais reflexões que começaram a nos guiar neste projeto de conhecermos um pouco as interpretações sobre o Brasil. Nosso próximo texto será "A fratura brasileira do mundo", de Paulo Arantes (livro "Zero à Esquerda", coleção Baderna, Ed. Conrad). Lembramos que o xérox desse texto encontra-se na Val e aproveitamos para reiterar o convite, para participar de nossos encontros, a todos que se interessarem em estudar o contexto no qual a produção intelectual brasileira se dá.

Eu me lembro, Meu Amor.

Eu me lembro daquela noite;
do nosso bailar, da tua voz,
do teu sorriso em seu olhar.

Me lembro, vivendo memórias,
o seu beijo macio, teu corpo quente,
do amor gostoso da gente.

Me lembro daqueles caminhos,
daqueles passeios, daquelas viagens;
de todos carinhos em todas paragens.

Me lembro dos ciclos e das estações,
das noites dos dias. Nós, de mãos dadas,
nestes processos e transformações.

Mas me lembro, sobretudo,
do carinho e da verdade,
do ardor da minha promessa,

Tão alegre e tão confessa,
Renovada e coroadada
neste um ano de AMOR.

Vitor Muramatsu (03)

*Que seja o primeiro ano de muitos outros
igualmente felizes e gostosos!

A Partida

Eu parti de Piracaia
Com destino a Sapucaia
Levei a mula e a traia
E na garupa a Soraia

Ela veio na alvorada
Capa preta prateada
Trouxe tudo na Cangaia
O anel e a cambraia

Nós saímos de madrugada
E pegamos a velha estrada
Ao passar na invernada
Demos a Deus a cabocladada

Ao chegar em Pirapora
Na pousada do caipora
Comi frango di angola
E tomei suco de amora

No cartório do Zé Bento
Nois tiramos os os documento
E na igreja do Pe. Geraldo
Lá nós fomos abencoado

A Condição Humana, uma Distopia Etológica.

Diego Caleiro (05)

É chegado o momento de mais uma vez paramos para pensar sobre a Condição humana. O capitalismo e o individualismo nos trouxeram a possibilidade de subir na vida, de tornarmos-nos nossas figuras de desejo. Lutamos constantemente para obter mais e mais poder, porque no mundo globalizado nunca se chega a ser um macho alfa, pois ninguém sabe quem é o dono do mundo. Acreditamos que a felicidade caminha juntamente com a riqueza, mas não somos mais felizes que a centenas de anos atrás, talvez em média sejamos, mas não o somos individualmente. A produção aumentou mais de 30 vezes desde o fim do século XIX, e a população sequer triplicou, porém as pessoas continuam trabalhando excessivamente, e sofrem com isso. Se não sofrem com isso, encontram algo mais pelo que sofrer e sofrem, em última instância, sofremos por ver os outros sofrendo. Criamos deuses, e endeusamos a ciência, mas nenhuma religião ou perspectiva científica parece gerar o calor humano de que necessitamos, e sequer o calor humano parece gerar o calor humano que necessitamos. Afinal, o que há de errado conosco, como em 50 mil anos de civilização não conseguimos ter sequer uma idéia que nos faça de fato caminhar para o paraíso, que nos faça melhores e mais felizes?

O fato é que estamos presos, presos numa mente que evoluiu para não ser feliz. Temos complexas estruturas cerebrais que, tendo em vista unicamente a propagação dos

genes, nenhuma moral, nenhuma mínima consideração por nada, criou em nós aquilo que nomeamos a consciência. Temos genes que nos fazem sermos inquietos, e tensos, pois estar relaxado poderia significar morte para nossos ancestrais. Para nossos genes, não existe algo tal qual a felicidade, eles apenas nos projetaram para sermos felizes em alguns poucos e evolutivamente calculados momentos, como quando conseguimos um objetivo amoroso, profissional, ou social. Nossos genes nos fazem rir em grupo para que possamos calcular confianças, estabelecer alianças, e eventualmente obter o poder.

A maior lição que nossos genes aprenderam em seu passado é constantemente nos dar a ordem para conseguirmos poder, em última instância, é isso que me faz estar escrevendo esse texto e é isso que lhe faz estar lendo, é esse o motivo pelo qual acordamos todos os dias e vivemos nossas vidas, para alimentar os nossos centros nervosos de poder.

Nenhum poder irá nos satisfazer, Brad Pitt, Bill Gates, Bush e Fidel continuam convivendo com suas angústias, temores, sofrimentos, tudo em nome de manterem ou conquistarem novas formas de poder.

Atualmente, grande parte das pessoas encara o objetivo de vida como sendo obter a felicidade, não obstante, estar feliz foi um comando dirigido para a propagação inconsciente de genes, momentos felizes são subordinados dos genes e algo como "a felicidade"

é não mais do que uma expressão poética.

Não existe forma de escapar disso, aqueles que são anti-capitalismo argumentam que os capitalistas procuram a felicidade no dinheiro, e dirão que ela não está lá, os religiosos dirão que os materialistas procuram a felicidade em algo de material, e ela não está lá, todos terão uma opinião pontual, específica e clara que demonstra como e porquê a felicidade não está aonde cada um dos outros a procura, e igualmente, tentarão argumentar que eles encontrarão o magnífico templo da felicidade. Nunca o encontrarão.

A condição humana nos prende numa roda de sofrimento, tensão e alegria que variam constantemente sem nunca se estabilizar, pois a estabilidade significaria a morte genética para nossos ancestrais, e nós, míseros subprodutos de um processo replicativo mecânico, temos de nos submeter a isso.

Parece que estamos enfrentando um problema que é, por hipótese, incontornável, mas todas essas características que possuímos podem ser resumidas, em parte, naquilo que chamamos de condição humana. A expressão condição humana nos faz pensar que a limitação genética é tão intrínseca da nossa natureza que se torna impossível reagir a ela, mas isso só é verdade enquanto nossa condição tenha de se manter, em última instância, humana. É aí que entra a Inteligência Artificial.

Utopias, Distopias, Filosofia e mais... www.dcaleironews.rg3.net inclusive a continuação desse texto...

É TARDE DEMAIS PARA AMAR

Parto angustiado a uma paradisíaca viagem ao exterior,
Um tempo em nossa relação, para identificar sua real significação ao meu coração,
Curto período para esparir a mente,
Conviver com uma liberdade irrestrita.

Desejo me relacionar com outra alma feminina,
Mergulhar profundamente em uma nova vida amorosa,
Recomeçar o sonho de constituir uma grande família.

Os dias começaram a decorrer lentamente,
Ao defrontar com a solidão, senti-me incompleto,
Cada dia de minha estadia no país estrangeiro sem sua presença comigo,
Corroia minha alma, sustentava um grandioso vazio em meu peito aflito.

Adiantei meu retorno, conscientizei-me que sua ausência em minha vida,
Transformava o mundo em um lânguido retrato em preto e branco.
Distante dos seus carinhos braços, do seu ténue amor,
Visualizei um mar tenebroso, uma vida sombria.
Sem a tonalidade do seu carisma, sem a maciez da sua ternura,
Meus olhos marejados irradiavam meu estado de morbidez.

Ao regressar apaixonado, portava nas mãos um ramallete de rosas vermelhas.

Não a encontrei em nossa residência, havia apenas um bilhete comovido de despedida:

"Infelizmente não abrigo um lugar ativo em seu coração. Em luto, rumo ao caminho da incerteza, a única certeza foi sempre te amar perdidamente e jamais ser correspondida".

FESTA JUNINA NA PSICO-USP, EM 01.07.05

Em sua reunião de 13.05.05, na Sala 13 do Bloco F, às 12h, a Comissão Organizadora da Festa Junina do IPUSP, ao acatar sugestões de diversos interessados em colaborar para a organização e também participar da Festa, decidiu que não mais será solicitado contribuição monetária dos casais interessados em dançar a Quadrilha Junina, embora, evidentemente, continue sendo bem vinda qualquer doação em dinheiro ou em bebidas/alimentos juninos para maior animação dos festeiros. Continua prevista a venda de churrasco em espeto, cachorro quente, cerveja e quentão a preços módicos, a ser feita em barracas da Atlético Busilis, dos alunos, e do Grêmio Recreativo dos funcionários, bem como a realização de gincanas, bingo e a dança de Quadrilha Junina. A abertura da Festa Junina está programada para às 10h da sexta-feira, com brincadeiras para as crianças dos funcionários/alunos e deverá continuar por toda a tarde, culminando com a Dança da Quadrilha à noite.

Já estão inscritos 21 casais, entre alunos e funcionários. Os casais são: Rosemar (Pós)/José Israel(5°); Claudia(5°)/Tobias(F.); Tais(3°)/João(°); Katia(M)/Guilherme(L); Luana(3°)/Rubens(5°); Priscila(4°)/Alexandre(Pós); Allan(Pós)/Emília(3°); Mayra(4°)/Hans(4°); Malu (P)/Bossi(F); Ligia(F)/Cesar Ades(F); Andreia(F)/Paulo(F); Suelaide(F)/Noel(F); Ana(F)/Jaime(F); Rita (F)/Alexandre(F); Adriana(F)/Corrente(F); Elaine(F)/Antônio(livreiro); Ana Rita(F)/Claudiel(F); Zulmira(F)/Luiz Reis(F); Flavio(F)/Evelyn(F); Lilian(F)/Will(F); Idalina(F)/Gilberto(F).

Há interessados que ainda não definiram seus pares. São: André(4°), Cassia(4°), Felipe(4°), Geraldo(3°), Guarujá(5°), Maranhão(5°), Marcelo(Pós), Marcos(5°), Mirella(Pós), Nina Furnari(?), Ronaldo(3°), Sérgio(4°), Sheila(5°), Tânia(3°), Thello(3°), Tio Chico(4°). Bem como: Cecília(F), João da Mata(F), José Agnaldo(Seu Zé do Cachorro Quente), Marcos(Motorista), Marcos(Biblio.), Rogério(F) e Vilma(?).

Os ensaios começarão na próxima sexta-feira, dia 20.05.05, sob o comando de uma professora festeira (surpresa!).

A CAMPANHA SALARIAL NA USP

O SINTUSP - Sindicato dos Trabalhadores da USP divulgou em seu Boletim de 13.05.05 que, diante de sua proposta de 13% os reitores propuseram apenas 4%. O Fórum das Seis* considera que esta proposta confisca conquistas salariais de 2004, arrojando salários, sendo menos do que a metade da inflação do período (últimos doze meses). A arrecadação do ICMS,

essencial para a definição do reajuste salarial, cresceu em relação a 2004 mais do que os 13% reivindicados. Estão previstas:

1. ASSEMBLÉIA GERAL DOS FUNCIONÁRIOS DA USP, EM 17.05.05, ÀS 12,30H NO PRÉDIO DA HISTÓRIA. Pauta: Deliberação sobre Paralisação e Greve.

2. PARALISAÇÃO DAS TRÊS UNIVERSIDADES, EM 24.05.05, COMATO NA UNESP, A PARTIR DAS 13H DIANTE DA REITORIA (na Alameda Santos, esquina com a Av. Brig. Luis Antônio), durante a próxima negociação do CRUESP** com o FÓRUM DAS SEIS.

* Fórum das Seis: congrega representantes dos funcionários das Universidades do Estado de São Paulo e do Centro Paula Souza.

** Conselho dos Reitores das Universidades do Estado de São Paulo.

A EQUIPE DE XADREZ QUE VAI AO X INTERPSICO EM TATUÍ

Estão inscritos para a seletiva de xadrez: 1° - LUIZ MORENO (04); 2° - MARCOS GORENSTEIN (03); 3° - PAULO (01) e 4° - DIEGO CALEIRO (05). As inscrições encerram-se em 17.05.05. Em 18.05.05 os emparelhamentos serão afixados no Painel do CAII e as partidas deverão ser imediatamente disputadas (tem-se apenas uma semana após essa data!). Com a participação já definida do RAFAEL ("LACRAIA"), estão abertas três vagas na equipe prevista para representar a PSICO-USP, duas para os titulares (três jogadores) e uma para o reserva. OBSERVAÇÃO: A PSICO-USP É HEPTACAMPEÃ!

DISSERTAÇÕES E TESES

Colaboração de Islaine (Funcionária do IPUSP) - Enviado por José Israel (01)

CANDIDATA: MÁRCIA CRISTINA MAEISSO
Título da Dissertação: O LUTO DA CRIANÇA MORTA: UMA LEITURA PELO MÉTODO PSICANALÍTICO

Professora Associada JUSSARA FALEK BRAUER - Orientadora - Psicologia Clínica - IPUSP

Data Defesa Pública: 20.05.05, às 10h Local da Defesa: Anfiteatro no Bloco 23 do IPUSP

Quem quiser se inscrever num Grupo de Trabalho organizado pela Comissão de Graduação (CG) para pensar os Estágios na Psico podem se inscrever numa lista na Val. Ok?

Enviado por Baioni (02)

Lembranças da Iara

Reunião do CAII do dia 10 de maio de 2005

Informes:

· O COREP será dia 20 e 21 de Maio em São Carlos. Há uma lista na Val para que os interessados se inscrevam.

· Existe um Comitê Contra a Reforma Universitária. Ele se reúne todas as quartas feiras na sala Ilana Blat na História e Geografia, às 18h com o objetivo de discutir ações contra a reforma.

· A estréia do projeto CinePSI que será nessa sexta, às 16h, com o filme "Um Estranho no Ninho", será na sala Aurora (sala 20 do bloco B) e não no bloco 23 (como foi dito no último informe).

Pauta:

Reunião de Encaminhamento - decidiu-se que as reuniões de encaminhamento que acontecem terças às 14h, passasse para quinta das 12h às 14h. Isso viabilizaria o funcionamento proposto inicialmente pela gestão, visando a divulgação da pauta com antecedência e permitindo um período para a contestação das decisões.

Ofício do Prisma - O PRISMA enviou um ofício ao CAII e aos demais CAs da Universidade, pedindo uma ajuda financeira para o carro de som da parada GLBT. Decidiu-se que será doado R\$200,00 para o grupo e será exigido um orçamento do uso da verba. Luta Antimanicomial - Mirna - psicóloga formada e atuante do movimento desde 98 - compareceu à reunião (à convite de Vitor (01)). Ela trouxe a importância que atualmente os estudantes tem no movimento da Luta, se consolidando como um quarto seguimento de luta pela causa (os outros 3 são: os usuários, os trabalhadores e os familiares). Ela colocou também que o CRP tirou o patrocínio que geralmente concede à organização da Semana da Luta Antimanicomial, e que eles estão precisando de ajuda financeira. O Vitor já havia sugerido de organizarmos uma festa à título do evento, e lembrou que poderíamos fazer isso para arrecadarmos fundo para o movimento. O sindicato dos Psicólogos poderia doar caixas de cerveja para tal festa, e acordaríamos que os fundos com a venda dessas cervejas reverteriam para a Luta Antimanicomial. Será conversado com a organização da festa dos Bixos (que acontecerá na próxima sexta, dia 20) a fim de conciliar as duas idéias. O Rubens (01) fará o ofício para o sindicato para o pedido das caixas. O Edson Negão fará as faixas para a divulgação do ato público no MASP, dia 18 de maio.

Ata da reunião de pauta conjunta do dia 17/05/05

Informes:

- A policia federal apareceu no local de transmissão de uma radio livre e ameaçou voltar e apreender os equipamentos. Por isso estão sendo organizados vários debates e oficinas sobre rádios e manuseios de equipamentos. Eles querem montar um debate aqui no IP. Os contatos ficaram com a Flavia (03).
- Vitor trouxe folhetos da Luta Antimanicomial para tirar xerox e divulgar.
- A comissão do BOCA foi convidada para vir na semana que vem participar da reunião do CA para discutir a cota de xerox.

Pautas:

CONEP:

- Nesse fim de semana teve uma reunião, ficou decidido lá fazer uma cartilha sobre o Ato Medico que o conselho federal rodaria e produzir

um material sobre a Reforma Universitária, problematizando alguns pontos do antiprojeto para usar em debates. No fim da Plenária não tinha mais ninguém de São Paulo.

- Foi levantado que teríamos que pensar se vamos pegar algum grupo de discussão.
- Foi sugerido que todas as atividades nacionais que o CA participe que vá com o nome da CONEP
- O Seminário Nacional do Movimento Estudantil de Psicologia será em Outubro em Recife-PE

Festa dos Bixos: Entraram em contato com o sindicato e eles forneceriam a cerveja para vender aqui, mas eles estão sem dinheiro nesse momento. Os aparelhos de som do CA estão quebrado por isso talvez fosse bom pensar em vende-los para comprar outros, vai ser verificado qual o real estado dos aparelhos, testar as caixas e mesa. Para a festa é preciso caixas de som emprestadas, alguém que possa ir buscar as cervejas. O CA vai bancar a gasolina de quem for buscar as cervejas.

Ocorreu uma grande discussão sobre cobrar cinco reais dos bixos pela liberta-

ção deles ou não. Se a festa daria prejuízo e se o CA bancaria o prejuízo que desse. Ficou decidido que o CA pagará o prejuízo da festa, se houver, se não for cobrado dinheiro dos bixos. Mas ainda essa semana vai se sentar pra discutir isso com os bixos.

COREP: Existem 8 pessoas interessadas em ir participar do COREP. A metodista fechou um micro-ônibus por 700,00 reais, se ele lotasse sairia 35 reais por pessoa. Se não lotar esse valor será maior. Ficou decidido que o CA vai bancar e depois vai entrar em contato com outras faculdades que podem pagar.

Torneio de Sinuca: A idéia é que o CA venda a cerveja na final e que ajude a organizar. A final vai ser dia 03-06

Formato da Ata: É preciso dar um formato mais oficial a Ata das reuniões. Dessa forma será passada a lista de presença toda reunião e na semana seguinte o negão recolhe a assinatura das pessoas na ata. Assim as pessoas terão uma semana pra ler a ata da reunião que participaram e ver se concordam com ela. A ata poderá ser vista no mural do CAII, no BOCA ou no próprio livro ata.

NOTA DO DIAGRAMADOR: OS PRÓXIMOS TRÊS TEXTOS FORAM ENVIADOS FORA DO PRAZO, ENTRETANTO, CASO OS TEXTOS NÃO FOSSEM PUBLICADOS, O ESPAÇO UTILIZADO POR TAIS TEXTOS ESTARIA EM "BRANCO", DESSA FORMA O DIAGRAMADOR OPTOU EM INSERIR TAIS TEXTOS..

Sugestões para o funcionamento do BOCA

Rubens (01)

O BOCA é a expressão de quem faz parte da comunidade IPUSP. Dele participam estudantes, funcionários e professores com todos esperando semanalmente o que sairá na edição seguinte. Por se caracterizar como canal de livre circulação de idéias o jornal faz um diagnóstico preciso do interesse de todos. Se alguém acha poesia importante, publicará um poema, se acha a mobilização social importante, publicará um apelo às massas. Fica simples então descobrir o que querem no BOCA: é aquilo que já está lá. Como em uma democracia razoável, os setores organizados (no caso quem se dispõe a escrever) dão a "linha editorial".

A atual gestão do Centro Acadêmico se estruturou inspirado pelo BOCA. Pensávamos em criar mecanismos que possibilitassem a todos opinarem e somente seriam discutidas ou levadas diante as questões que tivessem ao menos uma pessoa interessada. Acabava então o "isso é

muito importante, precisamos fazer algo a respeito" sem que ninguém tivesse o mínimo interesse e tentando resolver todos os problemas do mundo. Ou seja, a abertura absoluta e não existir linha editorial é uma postura política. Todos tem o mesmo direito de se expressar e todos tem a possibilidade de serem reconhecidos pelo que apresentam. Isso produz um efeito na constituição da subjetividade. Não são as minorias esclarecidas que decidem o que é importante e o que não é, que dizem o que é de interesse público e o que é frivolidade. Além disso, essas minorias esclarecidas continuam tendo vantagem por já saberem de antemão o que é importante, enquanto os outros tentam descobrir.

O CA banca a publicação de todos os BOCAs com uma cota liberada pelo instituto. Concordo que temos que discutir algumas questões e estabelecer algumas regras. Será que vale a pena um jor-

nal pra nós enquanto o mundo precisa da nossa cota? A defesa acima somada a todas as outras garante para o jornal um financiamento público? O número de páginas semanais é algo essencial, pois mesmo que se decida que o jornal é aberto e sem seleção, não significa que possam utilizar o número de xerox que bem entenderem. O BOCA estabelece cinco mil caracteres como limite para os textos. Ou estou enganado ou os textos do Baioni e do Israel do último ultrapassam esse limite. Outro ponto importante é que o CA doou 8 páginas por semana para o BOCA em uma tiragem que eu não me lembro qual era. Isso não vem sendo respeitado também. Uma última sugestão para o funcionamento poderia ser que o Centro Acadêmico tivesse preferência para publicar, já que se trata de um jornal do Centro Acadêmico. Por outro lado, vendo pelas últimas edições, por enquanto não existe necessidade alguma.

É quase um consenso entre os estudantes afirmar que algumas das coisas mais importantes que aprendemos em um curso são aprendidas “fora da sala de aula”. Neste sentido, ao longo dos quase cinco anos aqui no IPUSP, tenho a mais firme convicção de que as Semanas de Psicologia de que participei desde 2001 têm tido um papel essencial na minha formação.

Para os que chegaram ao IPUSP em 2005, a Semana de Psicologia costuma acontecer na última semana de outubro de cada ano e, diferentemente de muitos cursos/eventos de que podemos participar como estudantes de Psicologia, é inteiramente organizada por estudantes da Graduação da Psico. Trata-se

de uma Semana em que, suspensas as aulas da graduação, podemos parar para discutir temas importantes para a Psicologia e, consequentemente, para nossa formação.

Em 2003 e 2004, participei das respectivas Comissões Organizadoras das Semanas de Psicologia daqueles anos e é deste “lugar” que venho convidar todos os alunos do IPUSP para compor a Comissão Organizadora da Semana de Psicologia de 2005.

Sinto-me bastante confortável para fazer este convite, pois, se é verdade que senti “na pele” o trabalho que dá organizar um evento como este, também é verdade que considero esta experiência uma das mais recompensadoras da graduação. Aprendi mui-

to durante a organização de cada Semana: sobre a(s) Psicologia(s), sobre o IPUSP, sobre os limites e as possibilidades de trabalhar como um grupo e em nome de uma coletividade.

Na próxima sexta-feira, dia 20/05, às 12:00 (mais conhecido como “hora do almoço”) vamos nos reunir no CA para falar um pouco da Semana de Psicologia e esperamos a presença de todos os interessados!

O que ñ apareceu no texto sobre o Curso como Desencadeador de Sofrimento

Zílio - dinossauro
j_brasilio@yahoo.com.br

O tempo em que menos estudei foi o que passel na escola.

George Bernad Shaw

Participei do evento sobre o Curso de Psicologia como Desencadeador de Sofrimento e li a matéria publicada no Boca 8, 11/05, entre os dois senti um grande hiato.

Na discussão matinal muitas críticas foram feitas aos professores que, infelizmente, o texto publicado não trás. Críticas essas que, muitos professores ausentes - a maioria, assim como, estudantes que tendo a chance de se ausentar do IP, aproveitaram, merecem tomar contato.

Tento expor algumas delas, pedindo escusas se, por acaso, focar mais as críticas que fiz, estou me baseando em lembranças, contava com as gravações. Afinal, POR QUE FORAM GRAVADAS AS DISCUSSÕES?

ψ Os estudantes chegam na instituição IP que existe antes deles e são os participantes dotados de menos poder, passíveis de serem os depositários de diversas questões mal resolvidas da instituição.

ψ Os profs lidam com alunos, a □ ausente, luno □ saber, ou seja, nos tratam como se nada soubéssemos, um conceito e uma prática deveras ultrapassados.

ψ Profs não respeitam o pensar alheio, ex. profs que comungam com o método cartesiano positivista não aceitam que os estudantes prefiram o método psicanalítico, o método quântico etc. Nossa saída é calar nossa forma de pensar - sofremos calados.

ψ Fora colocado que terapeutaizar o estudante sofredor seria jogar na esfera do individual as mazelas da instituição, ou seja, temos que mudar a instituição.

ψ Profs que se prendem ao controle

de presença, i. é, coerção, quando deveria ser motivação. Isso ocorre, mormente, com os piores profs, os bons não tão nem ai. Ex. o prof Luiz Menna-Barreto do ICB, num faz chamada e suas aulas são sempre concorridas, aulas bem ministradas.

ψ **Pior, quando os profs porcaria** criam a falácia da meia presença para atrasos.

ψ **Profs que chegam para dar aulas sem antes prepará-las.**

ψ **Profs que usam a matéria para vender seus livros.**

ψ **Profs que, ao invés de lecionar o que interessa no tocante ao assunto da matéria, só dão suas teses de doutorado como se fosse toda a matéria.**

ψ **Os transferidos relatam sua via crucis para obter a dispensa das matérias.**

ψ **Alguns profs falaram que, tomar contato com a psicologia envolve sofrimento.**

ψ **Em relação a isso fora falada a frase lugar-comum “único que gosta de pobreza é o intelectual” querendo dizer “quem gosta de sofrimento é o intelectual” afinal não somos masoquistas. Faltou falar “pimenta nos olhos dos outros é colírio”.**

ψ **Ainda se, no sofrimento houvesse alguma coerência, pelas críticas listadas pode se ver que não há.**

ψ **Os irrisórios salários pagos aos profs geram um quadro de “quem sabe faz, quem não sabe ensina” e os profs porcaria, ao invés de, fazerem greve, preferem privatizar a universidade pública criando cursos pagos.**

ψ **Na carreira docente ir a congressos, publicar papers e livros, orientar pesquisas soma pontos na ascensão acadêmica, já**

dar aulas não soma pontos.

ψ **Fora citado que no orkut existem comunidades como *Eu Tenho Medo da Ivonise*, dentre outras.**

ψ **Sobre a crítica que receberam “se peço um X-Tudo e vem um X-Nada eu reclamo” os profs falaram que os alunos estavam pensando igual consumidores, pena que não explicitaram o que seria um estudante não consumidor.**

ψ **Os profs ganham dinheiro público, \$ meu, seu, dos pobres deste país para cumprir uma jornada de trabalho, mas a maioria somente aparece nos horários das aulas.**

ψ **A psico têm muitos profs que num dão aulas para a graduação.**

ψ **A crítica exposta, a posteriori, pelo Chuchu no Boca 4 de 20/04, “prof chegar com 1 hora de atraso no dia de uma prova, cheirando a bebida alcoólica”.**

O chato, depois de tomar ciência dessas críticas, é se lembrar que, a psicologia é uma ciência ligada à saúde e a educação.

Se você pensa que, os problemas param por ai, a Diretoria do CA e os Representantes Discentes, quem caberia liderar a luta por melhorias do ensino, têm em seus quadros estudantes que estão lá para puxar o saco dos profs e garantir seu mestrado.

Em homenagem aos profs porcaria e aos estudantes traidores do Movimento Estudantil **QUE SE DANE A EDUCAÇÃO PÚBLICA, VIVA O STATUS QUO EDUCACIONAL.**